

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL

(Aprovado pelo IX Congresso Brasileiro de Geografia).

Lima Figueiredo.

Em resposta ao questionário que acompanhou a Circular S/10.754, de 11 de Outubro de 1939, apresento, de um modo muito sumário, por me haver faltado o tempo necessário, em face de constantes viagens, no exercício de minhas funções no Exército:

1.º QUESITO

a) — Qual o conceito moderno, o estado atual dos conhecimentos e dos métodos de pesquisa referentes à Geografia Regional ?

O conceito moderno de Geografia Regional é o de uma ciência muito complexa que necessita o entendimento perfeito de especialistas em Geologia, em Botânica, em Geografia Humana e em Geografia Física, de maneira que seus conhecimentos se entrelacem para bem caracterizar as regiões naturais do país.

Atualmente, para o desbravamento de uma região, os grandes países teem constituído comissões mistas de naturalistas, engenheiros, geólogos, etc., como tem sucedido com as que visitaram a África e a América do Sul. Segundo a metodologia moderna, cada um dos especialistas da comissão escreve uma monografia. De posse dessa documentação e tendo, também, percorrido a região, o técnico em fisiografia extrai, de todas, aquilo que se torna mister para bem definir a região percorrida.

O método que acabamos de relatar foi o seguido pela Comissão das Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas que tão bem caracterizou a Rondônia.

Há países velhos como a França, a Inglaterra, a Alemanha, etc. em que as regiões são definidas mais pelo elemento étnico do que mesmo pela geografia. Os usos e costumes são tão diferentes, e às vezes mesmo o linguajar, que só eles bastam para dizer duma região.

No Japão, as quatro grandes ilhas dividem o país em quatro grandes regiões: *Hokkaido*, ao norte onde predominam os *ainos*, considerados brancos, vindos da Sibéria; ao sul *Sikoku* e *Kiusiu*, onde há gente malaia, mais escura e a ilha de *Hondo*, ao centro, dividida, também, em quatro partes formadas pelos compartimentos determinados pelo sistema orográfico daquela insula.

Teem os nipônicos as suas regiões bem definidas atendendo apenas, à fisiografia.

Pelo que vemos não há regra rígida nos métodos de pesquisa referentes à Geografia Regional.

2.º QUESITO

Que opinião tem sobre a situação atual no Brasil, das pesquisas efetuadas e do emprêgo dos métodos modernos quanto à Geografia Regional ?

Até há bem pouco a Geografia Regional no Brasil estava relegada a um plano secundário, não havendo, em língua nacional, um só livro, um só tratado que focalizasse o assunto de uma maneira conveniente e generalizada. Havia

coisa esparsa fixando mais êste ou aquele Estado, do que mesmo uma região natural propriamente dita. E a não ser a Amazônia e o Nordeste que englobavam, com estes nomes, vários Estados, as demais regiões não tinham nomenclaturas especiais, predominando a divisão política do país.

O professor PIERRE DEFFONTAINES que, em boa hora foi chamado para nos ensinar um pouco de Geografia, orientando-nos para pesquisas das condições humanas especiais de cada região, dividiu o Brasil em quatro grandes regiões geográficas, cada uma delas subdividindo-se em duas outras, como se vê no quadro abaixo:

| | | |
|-----------------------|---|----------------------------------|
| 1 — Litoral | { | Nordeste |
| | | Franja litorânea |
| 2 — Planalto interior | { | Planalto mineiro |
| | | Planalto de Goiaz e Mato Grosso |
| 3 — Amazônia | { | Baixo Amazonas (até o rio Negro) |
| | | Alto Amazonas |
| 4 — Sul | { | São Paulo |
| | | Sul propriamente dito |

Em que pese o grande saber do ilustre mestre francês, achamos que o *Nordeste* e a *Franja litorânea* deveriam constituir regiões naturais e não sub-regiões como foram classificados pelo competente professor, porquanto uma região natural deve abranger todos os fatos e fenômenos de ordem geográfica, fitogeográfica, geológica, climática e humana que nela se tenham observado.

O *Nordeste* deve constituir uma região a parte, pois está perfeitamente caracterizada, apresentando duas sub-regiões — a do *litoral* ligada à agricultura e a do *planalto* ao gado.

Apresenta o *Nordeste* condições humanas marcantes.

Estando mais próximo da Europa foi a região mais sujeita a colonização, logo após o descobrimento do Brasil, sendo mesmo até muito depois da nossa independência a mais populosa (4.700.000, em 1872).

A divisão do professor DEFFONTAINES necessita retoques para ser completa, porque há zonas de transição entre duas regiões tipicamente definidas, como sucede à compreendida pelos Estados do Maranhão e Piauí que não pode nem ser incluída nem na *Amazônia* nem no *Nordeste*.

Os geologistas procuram fazer a divisão do Brasil em regiões naturais atendendo quase que exclusivamente ao critério geológico, sendo o nosso país dividido em zonas: de sedimentação, de erosão e elevação isostática, além das que se acham estabilizadas.

O eminente professor ALBERTO BETIM PAIS LEME, apolando o critério que acabamos de expor, e procurando levar em linha de conta a nossa divisão política, dividiu o Brasil em sete zonas ou regiões:

- 1.^a — Zona de sedimentação: Acre, Amazonas e Pará;
- 2.^a — Zona de erosão: Goiás e Mato Grosso;
- 3.^a — Zona limite entre a 1.^a e a 4.^a: Maranhão e Piauí;
- 4.^a — Zona estabilizada, por peneplanização: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;
- 5.^a — Zona limite entre a 4.^a e a 6.^a: Sergipe e Baía;
- 6.^a — Zona de reajustamento isostática atual — serras cristalinas: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo;
- 7.^a — Zona estabilizada — montanhas vulcânicas: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nota-se nessa esplêndida divisão do Professor PAIS LEME que não nos podemos prender à parte política, porque os limites dos Estados, traçados sem seguir qualquer critério, tendo por estaca de partida a célebre divisão do Brasil em capitânicas hereditárias, para nada podem servir no âmbito científico.

Um americano que palmilhou todo o nosso território — ROY NASH — escreveu um livro — *The Conquest of Brazil*, o qual foi incontinenti traduzido para o português e incluído na série *Brasiliana*, orientada pelo emérito Dr. FERNANDO DE AZEVEDO. No seu excelente trabalho, o autor dividiu o nosso país nas seis províncias fisiográficas seguintes: os altiplanos Guianeses, o vale Amazônico, as planícies litorâneas, as do Alto Paraguai, a Cordilheira marítima e o planalto central. Resumindo seu estudo no seguinte período: “Eis a descrição sucinta das seis maiores *facies* fisiográficas do país e que ainda se poderiam sintetizar: um planalto cujo núcleo é montanhoso, cercado por um oceano de planícies sem limites”.

O douto professor HONÓRIO DE SOUSA SILVESTRE ao estudar a fisiografia brasileira dividiu o nosso território em quatro regiões naturais que denominou de *Oriental*, *Intermediária*, *Amazônica* e *Platina*.

A região Oriental se estende das glebas uruguaias até as terras baianas banhadas pelos rios Jequitinhonha e Pardo, sempre apertada entre os paredões megalíticos da cadeia marítima e o Oceano Atlântico.

A região Intermediária é assim descrita, gongoricamente, pelo excelso professor.

“Vastíssima e ubertosa região pejada de variados acidentes físico-geográficos se nos desenha em traços largos e virís, entre as portentosas cadeias orográficas centro-ocidental e oriental. É um todo de aspecto variegado, caracterizando-se pelas terras de variados declives, que se vão elevando paulatinamente desde que se desprendam e se libertem do paredão megalítico do planalto, em procura dos chapadões ocidentais de além e aquém do poente.

“É esta região percorrida e retalhada por grandes caudais potâmicas, que afluem das serranias limitrofes das respectivas bacias e vertentes, demandando os vastos reservatórios oceânicos por intermédio de poderosos rios confluentes.

“Esta interessante região física de boa parte das terras brasileiras se acha situada desde a muralha do planalto além do rio S. Francisco, cujos limites seguem pela chapada Diamantina, serra dos Aimorés e do Mar até a extremidade austral do território santa catarinense; daí a cumiada orográfica lindeira, acompanhando a margem direita do rio Uruguai, apanha com o rumo do setentrião a extremidade ocidental da serra da Fatura, na mesopotâmia divisória do *Peperi-Guassú* e *Santo Antônio*; atravessa o rio *Iguassú* ou *Caio-Covó*, no acidentado

trecho dos Saltos de *Santa Maria* ou do *Iguassú*. Sob a cumiada divisória, debilmente, à margem esquerda do caudaloso rio *Paraná*,¹ ladea-o alicerçando-lhe o leito com poderoso banco de rochas ígneas nos formosos saltos das *Sete-Quedas* ou de *Guaira*. Alcandora, potentemente, nos píncaros serrotes e cabeços aplainados das serras do *Maracajú*, de *Amambai*, do *Maracajú*, do *Norte*, de *Aquidauana*, do *Canastrão*, das *Araras*, dos *Baús*, de *São Lourenço*, de *Santa Marta* e do *Caiapó*. Com o rumo boreal e oeste-norte culmina, majestosamente, com as denominações de serras *Selada* ou *Divisão*, do *Rio Claro*, *Santa Rita*, *Pirineus* e *Couros*. Seguindo a linha do setentrião, surgem-nos as serranias do *Paraná*, das *Divisões*, de *São Domingos*, do *Duro* e *Taguatinga*. E, caminhando com a direção de oeste-leste, aparece-nos a linha divisória ou lindeira de tão importante região nas culminâncias que se erguem com os nomes de serras de *Tabatinga*, da *Gurqueia*, do *Piauí* e dos *Dois Irmãos*, quebrando em ângulo reto, se aproxima das serranias das margens risonhas do rio *S. Francisco*, sob a forma de pequenas elevações subordinadas às denominações de serras das *Marrecas*, do *Poço de Pedra* e *Sobradinho*, vai unir-se e vincular-se às serras que se lhe defrontam em as terras baianas e sergipanas.

“Ocupa, em síntese, grande porção dos territórios dos Estados de Minas Gerais, da Baía, de Goiaz, de Mato Grosso, de S. Paulo.

“É uma região bastante acidentada em alguns pontos e áreas, em virtude da flagrante disposição das culminâncias orográficas que se insinuam, gisando as linhas divisórias das águas entre os inúmeros cursos fluviais.

“É bem irrigada, graças aos avultados contribuintes das bacias dos rios *Paraná* e *S. Francisco*, duas portentosas artérias continentais sul-americanas.

“As terrãs constituintes desta região atormentada pelos acidentes orográficos são elevadas, visto que as culminâncias que as limitam e as percorrem lhes imprimem aspectos variados, ora a face singular das planícies, inopinadamente, cortadas por uma lombada acarneirada ou serras isoladas, corroidas nos fundamentos pelas águas; ora a fisionomia característica dos chapadões e taboleiros, tradução aproximada de uma feição geográfica observada nos excelsos planaltos do Oeste Americano, Far West e no Cabo da Boa Esperança, sob a rubrica de montanhas tabulares, (*Mountains Tables*). Fenômenos transplantados para o nosso meio orográfico, lembrando ligações continentais de passadas épocas geológicas, encontra exemplos frisantes entre as terras que, neste momento, procuramos descrever *per summa capita*.

“Ao observador, a feição geológica se torna patente e flagrante quando atentamos para as provas que nos ministram as forças naturais, na eterna faina de modelar a superfície terrestre. Rios de leito profundo e de íngremes ribanceiras, serras escalavradas e decepadas, terrenos entupidos com os escombros arrastados dos socacos arruinados das serranias e grandes jazidas de minérios próprios dos terrenos paleozóicos, são os atestados exuberantes e incontestáveis da vetustez das terras de boa parte do planalto central do Brasil.

“A flora e a fauna encontram meio regularmente propício ao desenvolvimento, mormente a vegetação que se espalha abundante pelos campos, em associações ecológicas, constituinte destarte dos cerrados, dos cerradões e das caatingas, enquanto nos lugares de maior quantidade de terra humosa, as matas de feição média.

“Nas margens dos rios onde maior é o coeficiente higrométrico e maior é a camada de terra vegetal misturada às aluviões acarretadas pelas águas, se nos antolham nas matas virgens pujantes exemplares fitológicos, varando o denso

¹ Não é exato. Percorri todo o terreno e não vi isso (L. F.).

matagal e cerradão, afim de que as viridentes folhagens se embebam e se embriaguem à luz e calor de um Sol criador e fecundo. Em os campos além do rio Parapanema, surgem os pinheirais densos como expressões soberanas do reinado das Coníferas, entre os domínios dos terrenos dos últimos milhares de séculos da época paleozóica; enquanto nas encostas ocidentais da cadeia oriental, na intimidade dos cascavios socalcos abruptos, grutas profundas e lombadas corroidas, as matas virgens de feição densa e emaranhadas pelos cipós e troncos tortos descobrem as pedras, as lajes e blocos granitóides. Aí se dispensa a vegetação consoante a temperatura e pressão barométrica, frisando dêste modo, a distribuição geográfica.

“A fauna, posto que esteja distanciada da platônica vegetação e seja, simplesmente, miserável e paupérrima à vista da exuberante alimária dos últimos estádios seculares do período cenozóico, como função e dependência do meio geográfico, é, guardadas as necessárias proporções, bastante importante.

“A geologia desta região é regularmente complexa, visto que os terrenos podem ser distribuídos por diferentes idades, desde o primitivo, que fica na parte oriental, até o pleistoceno, nas margens dos grandes rios, sem esquecer a enorme área dos terrenos que se distribuem debaixo das rubricas de laurenciano e huroniano, abundantes na parte central do território mineiro, em cujos arcanos se escondem o ouro, o ferro, o manganês e o diamante, que aos poucos, surgem pelo desmonte das serranias batidas pelas águas pluviais”.

A terceira região, que recebeu do ilustre mestre a denominação duvidosa de *Vertente Amazônica*, fica abrangida pelas cadeias Parimo-Guiana, Andina e Centro Ocidental, para usar a sua toponímia, e a fimbria litorânea do Atlântico.

A quarta região mereceu o nome de depressão *Platina* e é gisada pela cordilheira dos Andes, cadeias do Centro Ocidental e Oriental, contendo dentro de si a bacia importante do Rio *Paraguay*.

O ínclito professor procurou caracterizar as regiões naturais do Brasil, analisando meticulosamente a nossa estrutura orográfica e definindo e delimitando os grandes compartimentos do terreno, dando a cada um uma denominação especial, embora fôssem heterogêneas as condições climáticas, geológicas, fíticas e ecumênicas. Só podem ser aplicadas num estudo isolado do aspecto físico.

Sob o ponto de vista fitogeográfico vamos aceitar, como a mais certa e real, a divisão do emérito botânico A. J. de Sampaio, nosso companheiro de jornadas nas peregrinações da Inspeção de Fronteiras pelo *hinterland*. O competente mestre não choveu no molhado. Aproveitou sabiamente o trabalho de ENGLER, introduzindo felizes modificações.

A flora brasileira ficou dividida em duas grandes províncias:

- 1 — A Província Amazônica ou Flora Amazônica.
- 2 — A Província Extra-Amazônica ou Flora Geral.

A flora Amazônica foi por sua vez dividida em duas zonas: do Alto e do Baixo Amazonas; e a Flora Geral em seis outras, a saber:

- 1 — Zona dos cocais (Norte).
- 2 — Zona das caatingas (Nordeste).
- 3 — Zona das matas costeiras.
- 4 — Zona dos pinhais.
- 5 — Zona dos campos.
- 6 — Zona marítima, compreendida a vegetação do litoral, flutuante e insular.

Pelo que vimos de expor a situação atual da Geografia Regional é a de uma colcha de-retalhos.

Há livros esplêndidos que estudam os Estados e que foram escritos, principalmente, para uso das escolas, quando cada parte da Federação merecia mais cuidados dos seus dirigentes do que o todo — o Brasil. Existem estudos ultramagníficos atendendo a este ou àquele critério, variável consoante a especialização de autor. Todavia, não há ainda um trabalho metódico que resolva plenamente o assunto, levando em linha de conta não só os fatores a que acima nos referimos — geologia, flora, fauna, fisiografia, climatologia — mas, também a história, a tradição e o trabalho do homem.

3.º QUESITO

Que medidas sugere para que o Conselho Nacional de Geografia, dentro das suas atribuições, promova o aperfeiçoamento e a intensificação, no país, das pesquisas sobre a Geografia Regional?

Andamos ainda a descobrir o Brasil. Há ainda muita coisa para descobrir. Que haverá na pujante mesopotâmia do *Xingú* — *Tapajoz*? Quanta coisa topou o destemido e culto general RONDON nas suas digressões pela selva, dando ânimo aos que se interessam pelo desenvolvimento da terra de nossa Pátria e que, para nós, são tão ou menos desconhecidas que a gleba asiática ou oceânica.

O Brasil precisa ser primeiramente descoberto por comissões judiciosamente escolhidas e fartamente aparelhadas.

O Conselho Nacional de Geografia, que nasceu sob excelente estrêla, já tem fantástico acervo de serviço tornando realidade muito sonho. As cartas municipais e a campanha das coordenadas tendo por escopo o levantamento sumário da carta geral do Brasil — são trabalhos de gigante que não dorme.

As turmas das coordenadas já estão colhendo amostras geológicas e, com facilidade, poderão remeter material botânico.

Incentivando a conquista do interior brasileiro por meio das comissões aludidas o C. N. G. dará o melhor auxílio à solução do problema.

A par com o trabalho no campo, uma comissão de técnicos, com elementos que já possuímos, irá caracterizando as regiões naturais do Brasil.

Essa comissão terá que definir, de início, o que é região, sub-região, zona, paisagem, etc.. Dizer quais os elementos que devem definir cada uma dessas partes. Aglutinar o material bibliográfico esparso. E dar uma divisão que, caracterizando perfeitamente cada parte do Brasil, permita nova divisão política, em futuro próximo, atendendo a diretrizes mais sólidas de que a seguida pelos nossos avoengos.

Poderemos, numa carta física do Brasil onde os compartimentos do terreno sejam avivados, traçar as isotermas e sobrepor outras cartas — geológica e fitogeográfica. Veremos as coincidências, de maneira que tenhamos regiões com a mesma flora, mesma geologia e mesmo aspecto físico.

Haverá, também, regiões de transição perfeitamente definidas.

Atendendo aos fatores econômicos, ecumênicos e históricos, a comissão decidiria, finalmente, quais seriam as regiões naturais do Brasil.

4.º QUESITO

Que bibliografia indica sôbre os assuntos constantes do presente questionário?

Dado que o assunto é novo e por demais complexo há necessidade de um fichário no qual sejam consignados os assuntos atinentes ao Brasil nas partes que se entrelaçam com a Geografia Regional.

A bibliografia citada pelos Exmos. Senhores Consultores Técnicos de Geologia, Orografia, Potamografia, Climatologia, Fitogeografia, Zoogeografia, Geografia Humana, Geopolítica, Geografia da Produção, Geografia dos Transportes, Geografia das Comunicações, Geografia do Litoral prestarão grande auxílio aos estudiosos da Geografia Regional.

Vamos, entretanto, citar alguns livros dignos de leitura atenta:

| | |
|--|--|
| <i>Geografia Humana</i> | — Pierre Deffontaines |
| <i>Fisiografia do Brasil</i> | — Delgado de Carvalho, 5 fascículos, conferências feitas na Escola de Intendência, 1926. |
| <i>Corografia do Estado do Amazonas</i> | — Agnelo Bittencourt, 1925, grande formato, 546 páginas. |
| <i>Noções de Corografia do Estado do Pará</i> | — Teodoro Braga, 1919, 632 páginas. |
| <i>Mato Grosso</i> | — Virgílio Correia Filho — 1940. Coeditora Brasília. |
| <i>Corografia do Estado do Paraná</i> | — Sebastião Paraná. |
| <i>A Formação do Rio Grande do Sul</i> | — Jorge Salis Goulart, Livraria do Globo, 1933. |
| <i>Geografia física do Brasil</i> | — Wappaeus. |
| <i>Limites Interestaduais</i> | — Thiers Fleming. |
| <i>A Paraíba</i> | — João Tavares de Lira. |
| <i>O Nordeste</i> | — Gilberto Freire. |
| <i>O Rio Grande do Sul atual</i> | — Philoprome. |
| <i>A Vegetação do Rio Grande do Sul</i> | — Lindman. |
| <i>O Rio Grande do Sul</i> | — Alfredo Varela. |
| <i>História do Rio Grande do Sul</i> | — Teshauer. |
| <i>Géographie de l'histoire</i> | — J. Brunhes e Vallaux. |
| <i>Géographie Sociale. La Mer</i> | — Camille Vallaux. |
| <i>Geografia do Rio Grande do Sul</i> | — A. G. Lima. |
| <i>Géographie Physique</i> | — De Martonne, 4 volumes. |
| <i>O Nordeste do Brasil</i> | — Fróis de Abreu, 1929. |
| <i>O Nordeste Brasileiro</i> | — Alceu Lellis. |
| <i>As Florestas e as Chuvas</i> | — Álvaro da Silveira. |
| <i>Flora do Brasil</i> | — F. C. Hoehne. |
| <i>O Sertão Carioca</i> | — Magalhães Correia. |
| <i>Géographie Universelle</i> | — La Brach et Gallois. |
| <i>Human Geography</i> | — Jean Brunhes, Chicago, 1929. |
| <i>Facies Físicas e Geológicas do Brasil</i> | — Orville Derby, Anuário Brasileiro, 1909. |
| <i>Geologia Elementar</i> | — John C. Branner, Rio, 1915. |
| <i>Contribuição ao estudo do Clima do Brasil</i> | — Henrique Morise, 1922. |

| | |
|----------------------------------|----------------------|
| <i>A Amazônia e a Costa</i> | — H. H. Smith. |
| <i>Uma viagem ao Brasil</i> | — Agassiz. |
| <i>Interior do Brasil</i> | — Richard Burton. |
| <i>Brazil and the Brazilians</i> | — Fletcher & Vidder. |

Citamos a série de livros supra e muito mais poderíamos citar se não estivessemos, longe da nossa biblioteca, em uma cidade do interior.

As obras publicadas pela *Comissão Rondon*, pela *Inspetoria de Obras contra as Secas*, pelo *Museu Nacional*, pelo *Instituto Geológico e Mineralógico*, pelo *Museu Paulista*, pelo *Museu Goeldi*, pela série *Brasiliana da Biblioteca Pedagógica Brasileira* e pela *Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* (principalmente as comemorativas do 1.º Centenário da Independência), podem constituir fontes — bases para enfrentarmos a solução do problema da Geografia Regional no Brasil.

Cachoeira, R. G. S., 7 de Setembro de 1940.

a) *Lima Figueiredo.*
Ten.-Cel.